

Deu branco! A escrita de trabalhos acadêmicos e o uso dos conectores

Maria Auxiliadora Ávila dos Santos Sá¹
Maria do Carmo Souza Almeida²

RESUMO - O branco ao qual nos referimos diz respeito aos vários temores e aos inúmeros bloqueios sentidos pelos alunos da graduação quando incitados a escrever trabalhos didáticos (solicitados pelas diversas disciplinas dos cursos do ensino superior), ou acadêmicos, como os relatórios de pesquisa ou os temidos trabalhos de conclusão de curso. Esse artigo, portanto, tem como objetivo estimular o aluno a escrever melhor e a aprender o uso correto dos operadores discursivos, os quais, se utilizados de maneira inadequada, podem alterar substancialmente o sentido do texto.

PALAVRAS-CHAVE: escrita acadêmica, trabalhos acadêmicos, conectores, operadores discursivos.

My mind went blank! Writing academic papers and use of connectors

ABSTRACT - The blank we refer hereto regards to many undergraduates that feel an overwhelming frustration when writing formal critical papers (required in many post-secondary courses) and in performing scholarly work such as research reports in fulfillment of course requirements. This paper, however, addresses means to promote higher academic standards in writing and the proper use of discursive operators that, if used improperly, can significantly alter the meanings of written communications.

Keywords: academic writing, academic papers, connectors, discursive operators

¹ Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora visitante no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté (UNITAU).

² Doutoranda em Linguística Aplicada na Universidade de São Paulo (USP), Professora Assistente no Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté.

Introdução

Esse artigo surgiu das vivências e das reflexões que realizamos ao longo de nossa trajetória como docentes do ensino superior, uma lecionando português em cursos das mais diversas áreas, e a outra ministrando aulas no curso de Serviço Social, ambas na Universidade de Taubaté.

Em nosso cotidiano, deparamo-nos, cada vez mais, com as dificuldades dos alunos em se expressar pela escrita. Parece recorrente a afirmativa de que isso é a expressão das deficiências de ensino e aprendizagem, próprias do ensino fundamental e médio no país. Somem-se a essas dificuldades, as inerentes ao ensino superior, de maneira especial as afetas aos cursos noturnos, os quais ainda se espelham, no âmbito pedagógico, nos cursos integrais, cujos alunos podem se dedicar totalmente aos estudos. Diferentemente desses, os alunos dos cursos noturnos, usualmente, dividem seu tempo entre a escola, o trabalho e a família, em especial os casados e com filhos.

Embora essas sejam questões importantes e determinantes para as limitações que observamos em relação à escrita, não é nosso objetivo tratar delas nesse artigo. Aqui, buscaremos expor o

conteúdo da Oficina realizada durante o 2º Encontro de Pesquisa em Serviço Social, sob o título “Deu branco! O processo de escrita nos trabalhos didáticos e acadêmicos”.

O branco ao qual nos referimos no título da oficina diz respeito aos vários temores e aos inúmeros bloqueios sentidos pelos alunos da graduação quando incitados a escrever trabalhos didáticos (solicitados pelas diversas disciplinas), ou acadêmicos, como os relatórios de pesquisa ou os temidos trabalhos de conclusão de curso.³

E para não sermos injustas, acrescentaríamos que esses temores e bloqueios (certamente em menor intensidade) também são vivenciados por professores e pesquisadores experientes. Na verdade, os receios que acompanham e limitam o processo de escrita de textos didáticos ou acadêmicos se relacionam à exposição a ele inerente, pois o registro das observações, das leituras, das reflexões e/ou dos resultados **de um trabalho dessa natureza** só tem sentido se tornado público, seja durante as bancas examinadoras, seja para o professor e

³ SEVERINO (2000, p. 128-129), inclui os trabalhos didáticos na categoria trabalhos científicos, ressaltando a sua importância para a formação dos profissionais, que demanda a atenção dos professores ao exigirem que esses trabalhos sejam elaborados conforme as normas vigentes.

colegas de classe, seja para a comunidade acadêmica em geral, com a publicação de livros, artigos ou *papers*.

A consciência de que esses receios atingem, quase sempre, a todos que se propõem a escrever, por si só já ajuda na sua superação, mas não é suficiente. É preciso, sim, exercitar-se na dura tarefa da escrita e, também, é preciso aprender a usar os recursos disponíveis para isso. Entretanto, existem algumas condições fundamentais para a boa escrita.

Durante o Encontro de Pesquisa ao qual nos referimos no início desse texto, a Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli, ao proferir a conferência de abertura, já ressaltava que ninguém escreve sobre o que não conhece. Portanto, ler é fundamental para uma boa escrita. Além do conhecimento sobre o tema a ser abordado, ao ler, o aluno deve observar o estilo de escrita do autor e, dependendo do grau de dificuldade, pode imitar esse estilo até que, com o tempo e o exercício, adquira um estilo próprio.

É preciso, também, optar por uma forma de organizar ou planejar o texto. Alguns preferem escrever livremente sobre o que conhecem sobre o tema e, a partir desse esboço, organizar um esquema ou a estrutura do texto. Outros

optam por elaborar a estrutura textual antes de iniciar a escrita. De uma forma ou de outra, é preciso decidir sobre o que e para quem escrever, além de definir o objetivo a alcançar com a escrita do texto.

Outra questão é o fato de a escrita ser um processo e isso implica que não é possível produzirmos um texto em uma única versão. Ou seja, há uma primeira versão que deverá ser revista e reescrita várias vezes até que a consideremos pronta e adequada aos objetivos propostos. Se possível, ela deve ser revisada por um especialista – usualmente um professor de língua portuguesa.

Enfim, tanto a boa leitura como a boa escrita mantêm estreita relação com a compreensão e uso de alguns recursos de escrita, que facilitam os dois processos. Entre esses recursos, situam-se os operadores discursivos⁴ – palavras ou expressões também conhecidas como conectores, por meio dos quais criamos diferentes relações de sentido ao escrevermos um texto (FÁVERO, 1999; FIORIN, 1999; KOCH, 2007). Nosso objetivo, nessa oportunidade, é rerepresentar o uso dos operadores

⁴ Na linguística, são conhecidos por operadores discursivos, argumentativos, conectores, conectivos, elementos de coesão dentre outras denominações.

discursivos para os alunos do curso de Serviço Social, no intuito de ajudá-los a superarem os bloqueios da escrita (que, por sinal, muitas vezes, também acontecem na leitura e interpretação de textos). Por esse motivo, os exemplos apresentados a seguir são específicos da área, o que não significa que o conteúdo deste artigo não deva e possa ser utilizado pelos alunos das demais áreas.

Os operadores discursivos

Há uma série de palavras conhecidas como operadores discursivos, argumentativos ou conectores que são responsáveis pela conexão, isto é, ligação dos enunciados do texto, e também pela orientação argumentativa desses enunciados. Por meio deles, criamos diferentes relações de sentido ao escrevermos um texto. Isso significa que, dependendo de nossa intenção, podemos estabelecer relação de causa, contraste, conclusão, entre outras. Portanto, quando escrevemos, devemos ficar atentos ao uso do operador adequado em relação ao sentido que queremos expressar (FÁVERO, 1999; FIORIN, 1999; KOCH, 2007). O uso incorreto desses operadores pode comprometer o sentido que se pretende dar ao enunciado e, assim, comprometer toda argumentação do texto

(CITELLI, 1994). Um texto bem escrito facilita o caminho que o leitor percorre ao ler; ou seja, “quando lemos um texto bem construído, não nos perdemos entre os enunciados que o constituem, nem perdemos a noção de conjunto” (FIORIN e SAVIOLI, 2007, p. 271). Não são só os operadores discursivos os responsáveis pelas conexões entre as partes de um texto; entretanto, conhecê-los e usá-los adequadamente é essencial para quem quer escrever bem.

Em seguida, apresentaremos, a partir dos trabalhos de Koch (1997, 2007a, 2007b), Fávero (1999), Fiorin (1999) e Fiorin e Savioli (2007), exemplos de uso de alguns dos operadores mais usados. Para isso, utilizaremos exemplos retirados de artigos publicados na revista *Serviço Social & Sociedade*, uma das mais referenciadas na área. Cabe notar ainda que, tendo em vista o público-alvo do nosso artigo, tentaremos utilizar uma linguagem mais didática, ou seja, evitaremos usar uma linguagem muito técnica, específica da Linguística. Dessa forma, só faremos uso do vocabulário técnico estritamente necessário.

Os operadores mais comuns e exemplos de uso na área

Devido à impossibilidade de elencarmos todos os operadores, escolhemos alguns dos mais conhecidos e usados em produções de textos diversas. Organizamos esta parte da seguinte forma: primeiro apresentamos os operadores e explicamos seu uso; em seguida, citamos o exemplo retirado dos artigos específicos da área; e por último, explanamos, quando necessário, como se dá o uso do operador destacado nos exemplos demonstrados.

Vejamos algumas relações que esses operadores estabelecem:

a. como e, também, não só...mas também, tanto...como; além de, além disso, ainda, nem(= e não).

Estabelecem relação de *conjunção*. Essa relação acontece quando esses operadores ligam enunciados que constituem argumentos para uma mesma conclusão.

Ex.: “Para Claus Offe (1989), por exemplo, além do aumento do desemprego e da diminuição do tempo empregado no trabalho, a heterogeneidade e a grande quantidade de trabalhadores na área de serviços, comparativamente aos produtivos, teria produzido a erosão da identidade coletiva centrada no trabalho. Além disso, haveria uma constante polarização no interior do

conjunto dos trabalhadores, entre os “setores cruciais” da sociedade do trabalho e os não-qualificados, subempregados e desempregados, o que impediria qualquer ação unificada.” (GRAZIA, 2008, p. 54)

O enunciado introduzido pelo “além disso” adiciona uma informação à idéia apresentada imediatamente antes. Isso significa que além de todos os problemas citados na frase anterior, pelo autor, há outro (decisivo) que “*impede qualquer ação unificada*”

b. mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, etc.

Estabelecem relação de *contrajunção*, por meio da qual se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a orientação do enunciado introduzido pelo conector.

Ex.: “A violência tem interferido, inegavelmente, por meio de suas múltiplas e heterogêneas formas de manifestação, na vida cotidiana dos homens. No entanto, muitos processos altamente violentos não são considerados como tais, embora o sejam de fato”. (SILVA, 2007, p.132)

Percebemos, por meio desse exemplo, que a idéia que a autora quer destacar é o fato de “muitos processos

altamente violentos não serem considerados como tais” ainda que sejam tão violentos quanto aqueles que comumente são tidos como tais. Para isso, ela utiliza o conector “no entanto”, a fim de enfatizar a ideia introduzida por ele.

Quando se utiliza *embora, ainda que, apesar de que* (e outros) prevalece a orientação argumentativa do enunciado não introduzido pelo operador.

Ex.: “A violência tem interferido, inegavelmente, por meio de suas múltiplas e heterogêneas formas de manifestação, na vida cotidiana dos homens. No entanto, muitos processos altamente violentos não são considerados como tais, embora o sejam de fato”. (SILVA, 2007, p.132)

Nesse caso, a ênfase está na ideia de que “muitos processos altamente violentos não são considerados como tais”. Ao usar o “embora”, a autora suaviza a afirmação feita anteriormente sobre “os processos violentos que não são considerados como tais”.

c. porque, visto que, uma vez que, em virtude de, pois, etc.

Estabelecem relação de *explicação* ou *justificativa*. Isso ocorre quando se encadeia, sobre um primeiro

enunciado, outro que o justifica ou explica o anterior.

Ex.: “Com esse ideário, os temas acima citados são bastante difundidos pelo Estado para amenizar o aguçamento da questão social, em virtude da desresponsabilização do Estado com as suas obrigações sociais”. (REGIS, 2008, p.71)

Nesse exemplo, o enunciado introduzido pelo “em virtude de” justifica a ideia imediatamente anterior, apresentada pela autora, de que o Estado difunde os tais temas citados a fim de amenizar o aguçamento da questão social porque quer se desresponsabilizar de suas obrigações.

d. portanto, logo, por isso, por conseguinte, pois

Estabelecem relação de *conclusão*; por meio desses operadores introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação aos enunciados anteriores.

Ex. “A partir da Constituição de 1988 e da Loas, a assistência tornou-se uma política de responsabilidade do Estado, direito do cidadão e, portanto, uma política estratégica no combate à pobreza e para a constituição da cidadania das

classes subalternas”. (OLIVEIRA, 2007, p.21)

e. *(tanto, tal)...como (quanto), mais...(do) que, menos...(do) que*

Estabelecem *comparação*; isto é, institui-se, *por meio desses operadores* - entre um termo comparante e um termo comparado - uma relação de inferioridade, superioridade ou igualdade.

Ex.: ” Suas origens estão presas ao debate sobre a necessidade de constituição de uma escola para formar assistentes sociais resultantes da V Semana de Ação Social católica realizada em Porto Alegre, a exemplo de outras escolas como em São Paulo (1940), Salvador (1946) e Recife (1948) (Pereira, 1990)”. (MENDES; AGUINSKY; COUTO, 2008b, p. 143)

f.. por exemplo

Estabelece uma relação de especificação/exemplificação; assim, o segundo enunciado particulariza e/ou exemplifica uma declaração de ordem mais geral apresentada no primeiro.

Ex.: “Para Claus Offe (1989), por exemplo, além do aumento do desemprego e da diminuição do tempo empregado no trabalho, a heterogeneidade e a grande quantidade de trabalhadores na área de serviços,

comparativamente aos produtivos, teria produzido a erosão da identidade coletiva centrada no trabalho”. (GRAZIA, 2008, p. 54)

h. ou seja, isto é, etc.

Estabelecem uma correção/definição quando, por meio de um segundo enunciado, se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro; se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que nele foi veiculado; ou ainda se questiona a própria legitimidade de sua enunciação.

Ex.: “Desse modo, as práticas predominantes, ou seja, as “regras do jogo” determinam o comportamento dos indivíduos, que, por sua vez, interagem e produzem resultados políticos ou sociais”. (OLIVEIRA, 2008, p.104)

Conforme já afirmamos, visto ser impossível enumerarmos todos os operadores e seus usos, oferecemos, abaixo, uma *Tabela de Marcadores*, que contém vários tipos de operadores, elaborada pela Profa. Dra. Eveline Mattos Tápias Oliveira⁵.

⁵ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professora do curso de Letras, do Mestrado em Linguística Aplicada e do Mestrado em Engenharia Mecânica da Universidade de Taubaté.

Tabela de Marcadores

| | | |
|---------------------------------|---|---|
| adição, continuação | <ul style="list-style-type: none"> • e • nem • não só... mas também... • além disso | <ul style="list-style-type: none"> • outrossim • ... bem como • (...) |
| analogia | <ul style="list-style-type: none"> • semelhantemente... • isso é o mesmo que... | <ul style="list-style-type: none"> • podemos observar fato semelhante ao... • em analogia a |
| causa e consequência | <ul style="list-style-type: none"> • porque... • visto que... • em virtude de... • como consequência... | <ul style="list-style-type: none"> • uma vez que... • graças a... • em decorrência de... |
| certeza, ênfase | <ul style="list-style-type: none"> • por certo • indubitavelmente • inegavelmente • certamente | <ul style="list-style-type: none"> • sem dúvida alguma • com toda certeza • (...) |
| concessão | <ul style="list-style-type: none"> • embora • ainda que • mesmo que | <ul style="list-style-type: none"> • se bem que • apesar de • (...) |
| conclusão | <ul style="list-style-type: none"> • portanto • logo • assim | <ul style="list-style-type: none"> • por isso • conclui-se que • (...) |
| condição | <ul style="list-style-type: none"> • se • caso • contanto que • a não ser que | <ul style="list-style-type: none"> • desde que • a menos que • (...) |
| contraste, oposição | <ul style="list-style-type: none"> • mas... • porém... • a outra idéia que se tem disso... | <ul style="list-style-type: none"> • já por outro lado... • ao contrário... |
| definição | <ul style="list-style-type: none"> • tal coisa é... • tal coisa consiste em... • tal coisa caracteriza-se por... | <ul style="list-style-type: none"> • tal coisa apresenta-se como... • tal coisa resume-se em... • tal coisa parece-se com... |
| dúvida | <ul style="list-style-type: none"> • talvez • possivelmente • provavelmente | <ul style="list-style-type: none"> • não é certo • (...) |
| enumeração ⁶ | <ul style="list-style-type: none"> • um primeiro elemento... já outro... finalmente... | <ul style="list-style-type: none"> • para começar... outro exemplo... o último... • primeiramente ... a seguir.... por fim... |
| esclarecimento | <ul style="list-style-type: none"> • vale dizer • ou seja • quer dizer | <ul style="list-style-type: none"> • isto é • a saber • (...) |
| espaço | <p>lugares e locais expressos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>advérbios e locuções adverbiais de lugar</i>: longe, perto, à direita, ao lado, em cima, diante, atrás... | <ul style="list-style-type: none"> • <i>adjuntos adverbiais de lugar</i>: no Brasil, nas pequenas cidades, na parte inferior, no campo... • <i>locuções prepositivas</i>: perto de, junto a, em frente de, ao redor de... |
| exemplificação | <ul style="list-style-type: none"> • por exemplo... | <ul style="list-style-type: none"> • tem-se, como exemplo,... |
| finalidade, intenção, propósito | <ul style="list-style-type: none"> • a fim de • com o intuito de • para | <ul style="list-style-type: none"> • para que • com o objetivo de • (...) |

⁶ Ver os marcadores de prioridade para percepção de nuances.

| | | |
|--------------------------------------|--|--|
| prioridade, relevância | <ul style="list-style-type: none"> • antes de mais nada • acima de tudo • principalmente | <ul style="list-style-type: none"> • sobretudo • primordialmente • (...) |
| proporção | <ul style="list-style-type: none"> • à medida que • ao passo que • a menos que | <ul style="list-style-type: none"> • tanto quanto • (...) |
| resumo, recapitulação | <ul style="list-style-type: none"> • em suma • em síntese • enfim • em resumo | <ul style="list-style-type: none"> • dessa forma • assim • dessa maneira • (...) |
| semelhança, comparação, conformidade | <ul style="list-style-type: none"> • igualmente • da mesma forma • similarmente • conforme | <ul style="list-style-type: none"> • assim também • segundo • (...) |
| surpresa, imprevisto | <ul style="list-style-type: none"> • inesperadamente • de súbito | <ul style="list-style-type: none"> • surpreendentemente • (...) |
| tempo | datas, momentos, horários expressos por: <ul style="list-style-type: none"> • <i>advérbios e locuções adverbiais de tempo</i>: agora, já, ante, breve, cedo, ultimamente, logo depois... • <i>preposições e locuções prepositivas</i>: após, antes de, até, depois de... | <ul style="list-style-type: none"> • <i>conjunções e locuções conjuntivas</i>: à medida que, até que, sempre que... • <i>adjuntos adverbiais de tempo</i>: no século XXI, alguns anos antes, meses depois, por alguns minutos... |

Considerações Finais

Os operadores argumentativos são recursos importantes para a conexão dos enunciados que compõem um texto, tanto que de sua correta aplicação depende a apreensão, pelo leitor, da proposta do autor, pois “na fala ou na produção escrita de um texto, o discurso que produzimos está, de alguma forma, intencionado em estabelecer um contrato com o interlocutor na tentativa de fazer com que o outro compartilhe de nossa opinião.” (ORTEGA, 2008).

Não seria exagero afirmar que a interpretação de um texto depende, em boa parte, da apreensão, pelo leitor, das relações de sentido criadas pelos operadores argumentativos utilizados

pelo autor. Portanto, essa apreensão não depende somente do conhecimento que leitor e autor têm sobre a temática tratada, mas da argumentação presente no texto, que em boa parte depende do uso adequado dos operadores. São pequenas palavras, cuja aplicação inadequada ou leitura equivocada podem alterar completamente o sentido de um enunciado. Como bem cantou Pablo Neruda “ ... Tudo está na palavra ... Uma idéia inteira muda porque uma palavra mudou de lugar ou porque outra se sentou como uma rainha dentro de uma frase que não a esperava e que a obedeceu ...” (1978, p. 51)

Referências

CITELLI, A. *O Texto Argumentativo*.

São Paulo: Scipione, 1994.

FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência Textuais**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GRAZIA, G. De. Os trabalhadores do século XXI e seu “refazer-se” como classe: utopia ultrapassada ou desafio atual? **Serviço Social & Sociedade: Trabalho e Trabalhadores**. São Paulo: Cortez, n. 93, ano XXIX, mar. 2008.

KOCK, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **A coesão textual**. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2007a.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007b.

MENDES, J. M. R.; AGUINSKY, B. G.; COUTO, B.R. Visitando a história; notas sobre a trajetória da faculdade de Serviço Social da PUC/RG na direção da formação qualificada de profissionais docentes. **Serviço Social & Sociedade: Serviço Social Memória e História**. São

Paulo: Cortez, n. 95, ano XXIX, 2008b. Edição Especial.

NERUDA, Pablo. **Confesso que Vivi — Memórias**. Traduzido por Olga Savary. Rio de Janeiro: Difel — Difusão Editorial, 1978.

OLIVEIRA, L. V. Netto. Estado e políticas públicas no Brasil: desafios ante a conjuntura neoliberal. **Serviço Social & Sociedade: Trabalho e Trabalhadores**. São Paulo: Cortez, n. 93, ano XXIX, mar. 2008.

OLIVEIRA, I.M. de. Direitos, cultura de direitos e assistência social. **Serviço Social & Sociedade: Ética Pública e Cultura de Direitos**. São Paulo: Cortez, n. 89, ano XXVIII, mar. 2007.

ORTEGA, Simone Tereza de Oliveira. **Operadores argumentativos: recursos essenciais ao direcionamento discursivo**. Disponível em: www.alb.com.br/anaisjornal/IVsem-2008/comunicacoesPDF/29_operadoresORTEGA.pdf -. Acesso em 08 dez. 2008.

REGIS, M. F. de A. Competências profissionais do(a) assistente social do SESI a partir dos anos 1990: novos

desafios. **Serviço Social & Sociedade:** Trabalho e Trabalhadores. São Paulo: Cortez, n. 93, ano XXIX, mar. 2008.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Lições de texto: leitura e redação.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Para entender o texto: leitura e redação.** 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, J. F. S. da. O recrudescimento da violência nos espaços urbanos: desafios para o Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade:** Ética Pública e Cultura de Direitos. São Paulo: Cortez, n. 89, ano XXVIII, mar. 2007.

Artigo submetido em novembro de 2013

Artigo aceito em dezembro de 2013